

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE O DISCURSO DOS OUTROS

Marisa Porto do Amaral¹

Alexander Severo Cordoba²

marisa@vetorial.net
severo.cordoba@gmail.com

RESUMO: Os estudos relacionados às atitudes linguísticas têm mostrado que os falantes produzem uma espécie de norma espontânea que os levam a decidir qual forma deve ser extinta/abandonada ou qual forma deve ser admirada/aceita. Sendo assim, se os usos variam geográfica, social e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira. A partir da metade do século XX pesquisadores como Lambert (1960), Fishman (1971) e Preston (1981) utilizavam técnicas de medir atitudes linguísticas, ou seja, as reações e julgamentos de informantes sobre a fala dos outros. Dentro dessa perspectiva, este estudo tem como objetivo investigar a atitude de informantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, da cidade de Rio Grande (RS), sobre o discurso de outras pessoas de diferentes estados e, conseqüentemente, de outros dialetos. Os dados foram coletados em programas televisivos para que, através da audição de trechos de fala e segundo uma escala de valores, os informantes avaliassem quanto aos graus de agradabilidade e correção a fala de diferentes regiões do Brasil. Para a análise quantitativa de dados linguísticos usamos o pacote estatístico para Ciências Sociais – SPSS 17.0.

PALAVRAS-CHAVE: atitude linguística; estilo; Sociolinguística.

ABSTRACT: Studies related to language attitudes have shown that speakers produce a kind of spontaneous standard that lead to decide what shape should be extinct/abandoned or what shape should be admired/accept. Therefore, if the uses vary geographically, socially and historically, the spontaneous standard varies in the same way. From the mid-20th century that researchers, such as Lambert (60), Fishman (71) and Preston (81) used techniques of measuring language attitudes, that is, the reactions and judgments of informants about the speech of others. In this perspective, this study aims to investigate the attitude of the respondents from the Universidade Federal do Rio Grande in the city of Rio Grande (RS) on the speech of other people from different States and, consequently, of other dialects. The data were collected in television programs so that, through the hearing of speech snippets and according to a scale of values, the informants as to assess degrees of pleasantness and speech correction of different regions of Brazil. For the quantitative analysis of linguistic data we use the statistical package for Social Sciences-SPSS 17.

KEYWORDS: linguistic attitude; style; Sociolinguistics.

¹ Doutora em Letras. Docente do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

² Mestre em Linguística Aplicada. Professor Substituto do Centro de Letras e Comunicação – CLC - da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

INTRODUÇÃO

Labov (1972), em seus vários estudos sobre variação linguística, trata das atitudes dos falantes de diversas formas (reação subjetiva, autoavaliação, correção escolar, por exemplo), atribuindo-lhes sempre um papel fundamental na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças linguísticas.

A literatura mostra que as pesquisas sobre atitudes linguísticas vêm sendo investigadas há muitas décadas no âmbito dialetológico e sociolinguístico. Inicialmente na Psicologia social quando Lambert (1967) utilizou a técnica *matched guise* que utilizava falantes bilíngues lendo o mesmo texto nas línguas a serem investigadas por ouvintes também bilíngues, estes avaliavam os falantes a partir de adjetivos polares em uma escala semântica. Nos anos 70, começaram a dar atenção às atitudes na realidade linguística e, dessa forma, tanto a Sociolinguística quanto a Dialetologia Perceptual têm desenvolvido muitos trabalhos sobre esse aspecto.

O objetivo geral deste trabalho é o de observar a atitude linguística de informantes universitários da cidade de Rio Grande (RS) em relação ao discurso de outras pessoas de diferentes estados brasileiros. E como objetivo específico, analisar aspectos positivos e negativos das atitudes linguísticas dos informantes em relação à fala dos falantes selecionados oriundos das diversas regiões do Brasil.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, estão os pressupostos teóricos que alicerçaram o desenvolvimento do trabalho; logo na segunda seção, apresentamos a metodologia da referente pesquisa; em seguida, a terceira seção traz a descrição dos dados; logo após, a quarta seção explicita a análise dos dados quantitativos e qualitativos e, por último, as considerações finais.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Atitudes linguísticas, de acordo com Calvet (2002), são um conjunto de *attitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam. Tais atitudes exercem influências sobre o comportamento linguístico e são poderoso fator de evolução.

Na década de 80, atitudes linguísticas eram muito frequentes no campo da Sociolinguística e como seus pontos de contato destacavam-se, foram incorporados nos estudos de Dialetologia Perceptual. Além da delimitação pelo próprio informante

de zonas dialetais em mapas, segundo suas percepções, utilizou-se o reconhecimento dialetal auditivo e posterior avaliação em termos de agradabilidade, dinamismo, prestígio, correção ou grau de diferença em relação à variedade dos falantes inquiridos até a identificação de traços específicos de cada variedade, com a possibilidade de imitação de tais traços. Todos esses dados podem ser registrados em mapas de percepções dialetais³ ou simplesmente de percepções avaliativas.

Segundo Moreno Fernández (1998, p. 179), as atitudes influenciam de forma decisiva nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala.

Uma atitude favorável ou *positiva* pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidados. Uma atitude desfavorável ou *negativa* pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (grifo e tradução nossos).

Entretanto, Calvet (2002) argumenta que acerca da variação podemos ter atitudes de rejeição ou de aceitação que, na maioria dos casos, não tem necessariamente influência sobre o falar dos sujeitos, mas, certamente podem ter influência sobre o modo como percebemos o discurso dos outros.

A seguir, explanaremos as questões acerca da metodologia do trabalho aqui em foco.

2. METODOLOGIA

2.1 OS DADOS

Utilizamos, em nossa pesquisa, trechos de fala representativas das cinco regiões do país. São sete entrevistas de cerca de 1min e meio retiradas de programas televisivos (entrevistas) através do site *Youtube* para reconhecimento auditivo e posterior avaliação, segundo uma escala de valores de quatro graus quanto à agradabilidade e à correção, conforme o quadro exposto abaixo:

³ Ver AMARAL (2014). *Dialetologia perceptual: mapas mentais no sul do Brasil*. Anais do XVII Congresso da ALFAL, João Pessoa (BR).

Após a audição dos trechos de fala, avalia o grau de **agradabilidade** e o grau de **correção** de cada um, segundo a escala:

(1a) muito agradável (2a) agradável (3a) pouco agradável (4a) nada agradável

(1c) muito correto (2c) correto (3c) pouco correto (4c) nada correto

Quadro 1: Escala de valores – Grau de agradabilidade e de correção

2.2 SUJEITOS

Os sujeitos dessa pesquisa estão organizados da seguinte maneira: abrange o total de 24 universitários, com idade entre 18 a 40 anos, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, de vários cursos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, e alguns deles são provenientes de outros estados, além do Rio Grande do Sul.

2.3 PROCEDIMENTOS

As gravações foram organizadas, alternando-se as regiões dos falantes, e disponibilizadas tanto no laboratório de línguas quanto no laboratório de Fonética e Fonologia do Instituto de Letras e Artes – ILA – FURG. Os estudantes ouviam os áudios sem saber de quem se tratava e, em seguida, avaliavam as vozes na ficha recebida.

3. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Calvet (2002) diz que, em face da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros.

Nesta pesquisa, encontramos atitudes positivas e negativas extremamente interessantes dos universitários. Alguns se identificam com o modo de falar; outros têm ou sentem certa aversão ou desconforto pelo sotaque que o falante apresenta.

Na avaliação feita pelos informantes com relação à agradabilidade, vários consideraram o sotaque, os termos regionais, a clareza da fala como agradáveis ao ouvido e que lhes lembravam outros falares dos quais sentiam saudades. Outros, mesmo sendo da região, não se identificam com o modo de falar, como os informantes abaixo.

Falante 1 (interior do RS):

“Apesar de não entender alguns termos que são regionais, gostei bastante do sotaque.”

(Inf. 1M- Bahia)

“Sotaque do Rio Grande do Sul, estamos acostumados”. (Inf. 12M – RS)

“Uso muito grande de gírias e sotaque pesado.” (Inf. 22F – RS)

“O ‘r’ arrastado causa um certo desconforto.” (Inf. 6M – MA)

Quanto à correção:

“Não escolhi 1c pelo excesso de expressões muito abreviadas talequal”. (Inf. 6M – MA)

Falante 2 (interior de São Paulo):

“Ele pronuncia a letra “r” bem forte, me incomoda um pouco, embora lembre sotaque paulista.” (Inf. 10F – SP)

No meu parecer, achei que o indivíduo tinha a língua presa.” (Inf. 20F – SC)

“Apesar de não usar termos regionais, o sotaque carregado no final de algumas palavras (algo que me lembre o sotaque do interior de SP e MG) soaram bem agradáveis aos ouvidos.” (Inf. 1M – BA)

“Português formal, claro e objetivo.” (Inf.7M – RS)

Quanto à correção, mostram atitudes diferenciadas e até contrárias:

“Não houve nada que achei incorreto. Fala de forma bem coloquial.” (Inf. 9F – SP)

“Sendo uma explicação repetitiva não há pausas. Não há ligações entre as frases.” (Inf. 17M – RS)

Falante 3 (RS – urbana):

“Elevado tom de voz e fala um pouco corrida.” (Inf. 8M – MG)

“Fala tranquila e segura, muito parecida com a utilizada por grande parte dos porto-alegrenses.” (Inf. 15F – RS)

“Dialeto mais formal, facilidade para entender o que foi dito.” (Inf. 19F – DF)

Quanto à correção:

“Aparentemente não há erros de português, nem de concordância.” (Inf.19F –DF)

Falante 4 (Rio de Janeiro):

“Completamente agradável, mesmo tendo algumas palavras que a letra ‘s’ é enfática.” (Inf. 15F = RS)

“Sotaque forte, também. Puxa o ‘s’. Sotaque de carioca não me agrada muito.” (Inf. 10F – SP)

“Gostei da fala. Fala coerente e que demonstra um bom conhecimento por parte da falante.” (Inf. 18M – RS)

Quanto à correção:

“Não identifiquei nenhuma falha.” (Inf. 12M – RS)

“Não concordo em rotular como ‘certo e errado’, porém escolhi 3c por ser a única a usar ‘é... é...’ no meio da fala. Isso me incomoda, mas não que seja considerado incorreto.” (Inf. 10F – SP)

Falante 5 (Ceará):

“O sotaque me lembra o nordeste, fato que é bastante agradável para mim.” (Inf. 1M – BA)

“Agradável pelo sotaque e o tom de voz.” (Inf. 21F – RS)

“Sotaque desagradável, dificuldade em entender frases que foram faladas muito rapidamente.” (Inf RS.)

Quanto à correção:

“Várias palavras pronunciadas incorretamente.” (Inf – RS)

Falante 6 (Amazonas):

“Entende-se bem, apesar do sotaque bem carregado.” (Inf. 3F – RS)

“Muito difícil de entender.” (Inf. 20F – SC)

“Dicção ruim.” (Inf. 5M – RS)

Quanto à correção:

“Fala corretamente.” (Inf – RS)

“Erros na fala.” (Inf. 13M – RS)

Falante 7 (Goiás):

Quanto à agradabilidade:

“A fala remete a região centro-oeste (Goiás, Mato Grosso). Gosto desse sotaque marcado que denuncia de longe aqueles que vem do interior do Brasil.” (Inf. 1M – BA)

“Falou de forma coloquial.” (Inf. 9F – SP)

Quanto à correção:

“Falta de concordância em alguns momentos, muito uso de manias como ‘né?’” (Inf. 24M –RS)

“Comete erros de concordância como ‘a gente viemos’.” (Inf.15F – RS)

Quanto à correção, nas respostas acima, percebemos que os universitários manifestaram preocupação com a escrita e com a pronúncia corretas, além de marcadores da fala utilizados pelos falantes.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Fernández (1998: 181), as línguas podem ser estimadas por diferentes razões: as que podem ser sociais, subjetivas ou afetivas.

Na presente pesquisa, as atitudes foram bastante reveladoras, positiva ou negativamente em relação à forma de falar, ao sotaque, à prosódia e às normas gramaticais (concordância, principalmente).

Alguns informantes se identificam com o sotaque do entrevistado, eles sentem orgulho e, muitas vezes uma sensação de pertencimento àquele dialeto.

“Amo nosso sotaque.” (Inf.11F –RS)

“Sotaque do Rio Grande do Sul, estamos acostumados”. (Inf. 12M – RS)

“O sotaque em questão é suave aos ouvidos apesar de ser muito perceptível.” (Inf. 6M – MA) sobre o Fal.1

“Tem um sotaque parecido com o paulista que me agrada.” (Inf. 9 - SP)

Já o informante (10), também de São Paulo, reage assim com o mesmo falante:

“Ele pronuncia a letra ‘r’ bem forte, me incomodou um pouco, embora lembre sotaque paulista.” (atitude negativa)

“Apesar de falar bem, o uso excessivo de terminações puxando para o x (como o sotaque do RJ e do Pará) são um tanto irritantes para mim.” (atitude negativa)

Aqui ele se refere à pronúncia do /S/ pós-vocálico que soa como uma chiante /ʃ/. Já o informante (2), do Rio Grande do Sul, reconhece o /ʃ/ do Rio de Janeiro e o acha agradável (atitude positiva).

Também, a pronúncia é uma razão bem considerável. Mesmo quando o falante é da região do informante, este pode rejeitar o modo como aquele pronuncia certos

fonemas. Por exemplo, o informante 2, natural de Pelotas (RS), a respeito do falante 1, cujo /r/ é rolado, uma vibrante alveolar.

“Palavras desconhecidas, pronúncia do /r/ distinta do meu habitual. Prosódia diferenciada.”

A prosódia referida é de um gaúcho da fronteira com entonação marcante, pausada, regionalista.

Isto vem confirmar as diferenças dialetais tão marcantes que temos em nosso estado, que agrada a uns e desagrade a outros.

Além disso, apresentamos alguns quadros onde mostramos resultados gerais em relação ao grau de agradabilidade e correção das observações feitas pelos informantes participantes em relação à fala dos sujeitos selecionados para esta pesquisa.

Nos quadros a seguir, observamos os resultados da avaliação conforme a escala de agradabilidade.

Atitudes	Falante_1	Falante_2	Falante_3	Falante_4	Falante_5	Falante_6	Falante_7
Positivas	18	17	18	17	9	6	14
Negativas	6	7	6	7	15	18	9

Quadro 2: Grau de agradabilidade

Atitudes	Falante_1	Falante_2	Falante_3	Falante_4	Falante_5	Falante_6	Falante_7
Positivas	16	18	22	17	16	12	6
Negativas	8	6	2	7	8	12	17

Quadro 3: Grau de correção

Atitudes	Falante_1	Falante_2	Falante_3	Falante_4	Falante_5	Falante_6	Falante_7
Positivas	6	4	8	3	-	-	1
Negativas	3	2	2	2	4	4	5

Quadro 4: Mais agradável/ menos agradável

Percebe-se, no quadro 2, que os falantes 1 e 3 obtiveram 18 ocorrências positivas em relação à agradabilidade; enquanto o falante 6 obteve 18 ocorrências negativas. No quadro 3, observa-se que o falante 3 obteve 22 avaliações positivas em relação à correção, e o falante 7 obteve 17 avaliações negativas. Em 4, acima, destaca-

se como a fala mais agradável a do falante 3 com 8 ocorrências. A fala menos agradável é a do falante 7 com 5 ocorrências.

A seguir, apresentamos os resultados descritivos rodados pelo programa estatístico SPSS 17.0 conforme as tabelas abaixo.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	7	29,2	29,2	29,2
2	4	16,7	16,7	45,8
3	8	33,3	33,3	79,2
4	3	12,5	12,5	91,7
6	1	4,2	4,2	95,8
7	1	4,2	4,2	100,0
Total	24	100,0	100,0	

Tabela 1: Fala mais agradável. Fonte: Análise estatística descritiva – frequências

Na tabela acima, percebe-se que o falante 3 (zona urbana do RS) obteve 8 avaliações consideradas como a fala mais agradável, resultando 33,3 % do total.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	3	12,5	12,5	12,5
2	3	12,5	12,5	25,0
3	2	8,3	8,3	33,3
4	2	8,3	8,3	41,7
5	4	16,7	16,7	58,3
6	4	16,7	16,7	75,0
7	6	25,0	25,0	100,0
Total	24	100,0	100,0	

Tabela 2: Fala menos agradável. Fonte: Análise estatística descritiva – frequências

Com relação à Tabela 2, sobre a fala menos agradável, o resultado estatístico revela que a fala 7 é a menos agradável (25%).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com atitudes linguísticas permitiu-nos verificar as reações de alguns universitários da FURG (RS) em relação ao discurso de falantes das diferentes regiões do país.

Nos julgamentos que emitiram, após as audições, segundo uma escala de valores, têm-se suas opiniões positivas e/ou negativas quanto aos aspectos de agradabilidade e de correção. No primeiro aspecto, os estudantes julgaram principalmente a forma de falar, a voz e o sotaque. No segundo aspecto, manifestaram preocupação com as normas gramaticais, com o estilo e com a prosódia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marisa P. do. Dialetoлогия perceptual: mapas mentais no sul do Brasil. In: Congresso da ALFAL, 17, 2014, João Pessoa. *Anais do XVII Congresso da ALFAL*. João Pessoa: ALFAL 2014.

CALVET, Louis-Jean. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PRESTON, Dennis R. *Perceptual Dialectology: Nonlinguistics' Views of Areal Linguistics*. USA: Foris Publications, 1989 (Topics in sociolinguistics 7)